

# MONARQUIA



ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO VI

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 36

São Paulo, Março-Abril de 1961 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS Red.-Secretário — José de OLIVEIRA PINHO Red.-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## RECORDANDO

Há 32 anos, publicava o revmo. Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, professor do célebre Seminário de Olinda, o livro "A Epopéia Mexicana", memorando o heroísmo daquele nobre povo martirizado pela tirania democrática do presidente Calles.

Passava então a Nação Azteca pelo que ora se dá em Cuba, com a maravilha socialista, fusilante e retardada, de um infiel escravo de outros infiéis.

"Para a Pátria-Nova, órgão das Idéias cujos triunfos poderiam, só, salvar o nosso querido Brasil" era a dedicatória na página-espelho da obra. Generoso o grande líder pernambucano, cuja actividade magnífica apostava com aquela geração incomparável de Manuel Lubambo e Luis Delgado.

No ano seguinte, 1930, em janeiro, "Maria", revista das Congregações Marianas, publicava sob o título de "PÁTRIA-NOVA" simpático artigo, honra para um movimento cultural-político de tão poucos dias, pois mal viera a público no do Imperador, Dom Pedro III, em setembro de 1929. No meio brasileiro assustadico, indefinido e medroso, foi talvez um escândalo, porquanto num país tradicionalmente católico e monárquico como o nosso, tudo se pode ser sem causar estranheza, menos católico integral e monárquico radical, isto é anti-liberal e anti-democrático.

### Leia-se o artigo:

— "Uma pléiade de moços paulistas acaba de formar um centro monarquista de cultura social e politica, cujo fim é trabalhar pelo advento de uma Pátria Nova sob a forma de u'a monarquia católica cujo soberano seria o actual herdeiro do trono do Brasil — D. Pedro Henriques de Orleans e Bragança.

O Centro tem a sua revista Pátria-Nova, e apresenta o seu programa:

I Credo — Religião Católica oficial.

II Monarquia — Imperador responsável que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros.

III Raça — Afirmação da Pátria Imperial, sua valorização religiosa, intelectual e moral... Reacção contra todas as formas de imperialismo estrangeiro no Brasil.

IV Nova divisão administrativa.

V Organização sindical.

VI Capital no centro do Brasil Império.

VII Política internacional nacionalista, activa e cristã.

(Cumpra explicar aqui que o douto articulista resumiu os termos do programa, o que é bem compreensível).

Ninguém diga que o ideal dos moços do Centro Monarquista é uma utopia.

A república que foi ideal de brasileiros, mas não dos brasileiros, não tem satisfeito a expectativa dos patriotas. O que temos é uma vasta oligarquia de governadores e presidentes que sobem ao poder, para roubar, feitas as honrosas e raras excepções, para satisfazer à vaidade e ao interesse de suas tolas aspirações e destruir a felicidade e a glória da Pátria Brasileira.

Nós estamos vendo o que se passa na hora presente em todo o país. A cadeira do Catete é um pomo ambicionado, uma teta que provoca disputa, um jógo que alicia os appetites desordenados dos que querem mandar e entesoirar, mandar por validade e entesoirar por cobiça vulgar.

Dal o desânimo profundo que vai na alma nacional.

Os que fizeram a República, sacudindo num exílio vergo-

Arlindo VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista

nhoso e ingrato a família imperial que teve o grande crime de amar demasiado essa Pátria de todos os brasileiros, hão de confessar que não a sonharam como ela é.

E por isso eu folgo em registrar o ressurgimento da Pátria Nova e auguro um triunfo completo ao ideal do Centro Monarquista de Cultura Social e Política.

Nunca aplaudi essa República anti-cristã que aí vemos, cujos dirigentes vão levando para um abismo a Pátria.

Se fôr necessário fazer uma pública confissão, e-la positiva, franca, sincera, activa, espontânea que me nasceu na alma desde muito tempo: prefiro uma Pátria Nova dentro dos moldes do programa do Centro a essa República, mesmo purificada... como a querem as correntes liberais que estão nobremente a proclamar a necessidade de uma radical mudança no país.

Os programas políticos dos partidos que se deglad'am, são tão fomentidos, voltam tão constantemente às mesmas defeituosas formas de governar, que ninguém tem mais esperança nos sóis que se levantam no horizonte prometendo dias claros e alegrias certas.

De coração, pois f'lo-me ao patrianovismo a cujo programa dou o meu inteiro aplauso.

(assinado) CÔNEGO XAVIER PEDROZA

Após isso, cresceu imensamente o movimento cultural e tão repentina foi a sua expansão que passámos à Acção Imperial Patrianovista Brasileira, em certo momento, sem ser partido (o que contradiria os seus princípios), a maior expressão política nacional, imitada por alguns e traída por outros moralmente ineptos e vazios de carácter.

Passaram sobre Pátria-Nova várias revoluções, sedições e "salvações" que não salvaram coisa nenhuma; e tudo se agrava cada vez mais, despenhando-se pela ladeira trágica do liberalismo demo-socialista, materialista e satânico, acoroçado ou tolerado pelas próprias autoridades inconsistentes ou traidoras, ou tudo isso junto. E assim caminha-se para a posição de Hungria e Cuba...

Fiéis a princípios imutáveis, impermeáveis a modas, mas plásticos no accidental, nós patrianovistas continuamos tendo razão. Mais do que nunca.

Fora do PATRIANOVISMO só há embustes e contemporizações vazias. Mas não há salvação.

Continua o Brasil a ser uma PATRIA IMPERIAL que não se ajelta a república de tipo nenhum. A república é anti-nacional, dissolvente, separatista. Há 71 anos que, com fartos motivos, todos estamos descontentes. Todas as Províncias (exploradas pelos estados/republicanos) se queixam do regimen e todas com razão de um modo ou de outro.

E os donos do regimen defendem ferozmente todas as "falas legalidades sucessivas" que a politica dos marginais na cultura impõe à Pátria Imperial. Chegariam e estão aparentemente chegando à estúpida irrisão de defender o banditismo comunista, se o quiser o patrão da legalidade marca 1961.



# Ré Publica, Máquina de Empobrecimento Nacional

José de OLIVEIRA PINHO

A cegueira da maioria dos brasileiros, em geral, e dos parlamentares, em particular, aliada à traição de uns poucos (parlamentares, ou não), orientadores encapuçados das resoluções que aquela maioria de legisladores toma em detrimento de toda a nação, são os responsáveis pelo empobrecimento progressivo do brasileiro, despojado de seus parcos haveres através da especulação hábilmente provocada por leis, regulamentos e atitudes de ordem econômica, que os governos e parlamentares dirigidos, consciente, ou inconscientemente, por forças secretas poderosas, tomam ou põem em prática, por força das facilidades que lhes são outorgadas por uma Instituição Política concebida, organizada e operada diretamente ou indiretamente por ditas forças secretas interessadas, de longa data, no domínio da finança e dos negócios em todo o orbe terráqueo.

Sabemos nós — e sabem todos os que estudam — que a Ré Pública é o regime ideal para essas patifarias. Sabemos, outrossim, quem o criou e, por que o criou. E a luta pela sua implantação e defesa, em todo o mundo, tem o fim precípua de propiciar a uma minoria louca e anti-cristã, o domínio político e econômico de todos os povos. Para obterem esse resultado é preciso, antes de mais nada, reduzir as nações à miséria. E, como consequência disso terão, primeiro a dependência econômica da nação, e, a seguir, a dependência política e a escravidão dos povos. É o que está acontecendo no Brasil, como de resto, a todos os povos "democráticos" do mundo.

Desde os primórdios de nossa formação até recentemente, pelos idos de 89, quando, praticamente, as três grandes raças: a portuguesa (os nossos velhos pais), a italiana e a espanhola construam, ou ajudavam a construir e engrandecer o Brasil, ainda o brasileiro era, realmente, o senhor do país. A especulação, praticamente, não existia e o que ganhavam portugueses, italianos e espanhóis, aqui ficava, transformado em novas propriedades que se multiplicavam com o suor bendito do seu trabalho e, depois, generosamente se transferiam aos seus filhos e destes aos seus netos que continuavam o labor dos seus maiores no represar constante de um oceano de gotas, que enriqueciam a nação segura e firmemente.

Veio, porém, a Ré pública (secreta, mas segura e firmemente planejada desde multissimos annos), para destruir todo aquêle labor e toda aquêla economia de séculos, no incêndio ateuado a mando da seta infame pelo traidor — mór RuiM Barboza e, daí paa cá, o que era de brasileiros tornou-se estrangeiro dentro do Brasil. O enclui-

mento iniciado em 15 de novembro de 89 perdura. Desde aquêla data fatídica viram o brasileiro cada vez mais se tornar pobre e o estrangeiro cada vez mais se tornar dono das finanças e economia nacionais. O plano secreto está firmemente sendo executado.

Faça-se uma verificação das fortunas existentes no Brasil e se verificará que, em sua maioria absoluta, elas estão nas mãos de estrangeiros de nomes arrevessados. Os Prados; os Larras; e, mesmo os Matarrazos e Crespiá, hoje não passam de pobres diabos, comparados com os Citrons; Tjurs; Kasinskis et magna caterva. A especulação, as negociatas, o contrabando, filhos incestuosos da inflação, produto maligno de má administração pública originária dos desgovernos produzidos pela Instituição política republicana, especialmente concebida, executada e defendida por essa canailha, através dos traidores nacionais, seus "testas de ferro" e executores de leis, regulamentos e políticas econômicas destinadas ao seu enriquecimento fácil é que puseram o Brasil neste estado de sub-desenvolvimento. E que puseram o brasileiro nesta "tanga". Não é verdade que o brasileiro sempre tenha sido um pobre. A História desmente isto. É verdade, porém, que o brasileiro se tornou pobre a partir de 15 de novembro de 89 e a História está aí para no-lo provar, com riqueza de detalhes.

Ao contrário das lusiadas, itálicas e hispânicas que aqui enterram o que ganham — e até os próprios ossos que a terra dadivosa recebe com ternura — os abutres internacionais transformam tudo o que ilicitamente ganham em dólares, "para segurança do seu dinheiro em face da inflação" (inflação esta que é a fatora dos seus grandes lucros), transferindo-os para o estrangeiro, empobrecendo o país que, com tanta generosidade, os acolheu. Frequentemente dão espetaculares "golpes" em imensos contrabandos, transformam o produto scleris em moeda internacional e "pinicim" para as "estranjas", onde vão armar, em países desgovernados como o nosso, outras "arapucas" auríferas.

Nas suas negociatas não pagam impostos e, mesmo, quando os pagam, em negócios mais ou menos estáveis, o fazem com tanta parcimônia, através da sonegação muito bem preparada e executada (com a conivência dos próprios agentes do Fisco) que é, praticamente, como se não pagassem efetivamente nada.

O brasileiro, o português e os para-brasileiros italianos e espanhóis simplórios ao contrário pagam tais impostos (e, às vezes até indevidamente, por via da sanha fiscalista dos que se vendem aos gatinhos interna-

cional e, por isso, cada vez ficando mais pobres e não raro se transformam de patrões, em assalariados dos especuladores cuja audácia e cinismo não são capazes de imitar.

Já daqui vislumbro meia dúzia de ignorantes a bravejar, alegando que a culpa não é do regime, mas dos homens que não cumprem as leis "boas" que a Ré nos deu. Vade retro Satana! As leis "boazinhas" (não Boas) que a Ré nos deu, foram decretadas... para não serem cumpridas. "A lei; ora a Lei". Se um nacional, premido pela fome e pelas injustiças sociais rouba uma galinha dum galinheiro, ou um pão de uma padaria, para matar a própria fome, ou da família: "está em cana". Não há a menor dúvida de que irá pagar com os ossos e a pele na cadeia, pois que é "um ladrão". Mas, os contrabandistas dos televisores; dos automóveis; etc. etc. etc., esses andam por aí a transformar o produto do seu roubo em dólares, ou a aumentá-lo mais ainda, em especulações imobiliárias espetaculares, gargalhando dos imbecis que todos os anos estão votando em novos "representantes" (dêles contrabandistas e ladrões...), sem saberem que isto tudo acontece por que, na democracia há liberdade de votar e ser votado... Sic transit gloria mundi...

Pobre povo brasileiro sub-nutrido, sub-desenvolvido e sub-alfabetizado! Até quando continuarás a ser ludibriado?

Dizem os safados que as leis não podem prever. Podem. Já previram, em outros tempos. No IMPÉRIO que está para vir previrão.

Deem-nos o Estado e provaremos amplamente isto.

Não roubaremos ninguém. Cobraremos, apenas, o imposto justo.

Até os alutres internacionais serão tratados em igualdade de condições com o nacional. Pagarão um imposto 50% (cinquenta por cento) MENOR do que o brasileiro paga hoje. MAS, TERÃO DE PAGAR-LO, do contrário... a lei que prevê tal latrocinio, os apanhará em suas malhas e... O CASTIGO SERÁ DURISSIMO, PARA O SEU CRIME.

Voltarão os nacionais a fazer fortuna e a nação a enriquecer. Mudará, então, o panorama de tudo.

Deixaremos de ser uma nação sub-desenvolvida.

Seremos, então, o que o mundo espera há tanto tempo que o Brasil venha a ser.

Não existirá mais a Ré pública destruidora do Brasil.

O IMPÉRIO acabará com os oprimidos de todas as "democracias".

Como sabem disso, Eles temem isso. Eles lutam desesperadamente contra isso.

Atenção, Forças Armadas do Brasil! Quando enxergareis e compreenderdes o que vimos dizendo há tanto tempo para bem do povo e felicidade geral da nação?

## — CAMBIO DO DIA —

Libra estelina ..... 8888 (cr\$8.88)

Dólar ..... 1830 (cr\$1.83)

Rio-de-Janeiro, 14 de Novembro de 1889

P.S. — Preferimos papel-moeda imperial brasileiro, porque dá ágio sobre a estelina e qualquer outra moeda metálica

## POLÍTICA VERDADEIRA

POLÍTICA VERDADEIRA, ou política "tout court", é a que tem por único ou, pelo menos, por dominante objectivo, o bem comum do povo, sem subordinação aos interesses de nenhum partido, grupo ou individuo.

MESQUITA PIMENTEL



## - A HISTÓRIA QUE INTERESSA - CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

No Congresso de Cooperação intelectual, reunido há tempos em Madrid, tive ensejo de trocar impressões com vários professores e escritores não só espanhóis, mas franceses, belgas, suíços, alemães e sulamericanos — acerca dos problemas que dominam hoje, talvez mais do que nunca, a actividade dos historiadores.

O tema central das nossas conversas foi, sobretudo, este: tende a História a ser considerada, no estado actual da evolução da cultura, obra de pura erudição ou elemento primordial de conhecimento do homem e as sociedades humanas através dos tempos? A maioria dos presentes — entre os quais se encontravam nomes de elevado prestígio intelectual nos seus países — inclinou-se para o segundo conceito. Embora a investigação erudita constitua, sem dúvida, base imprescindível de todo o labor historiográfico, o certo é que não passa de acumulação de matérias, para sobre elle se erguer o edifício. Esse edifício não pode ser apenas seco e inexpressiva pirâmide de documentos mortos; tem de procurar extrair dos vestígios do passado uma síntese capaz de lhes dar sentido e explicação de conjunto e assim alcançar o objectivo principal, que é restituir-lhes a vida que tiveram. A História confinada a mera actividade de escrever não basta: há que sobrepor-lhe visão mais ampla, intuito mais profundo; há que iluminá-la dentro das vastas perspectivas da filosofia da História.

Entre os congressistas, encontrava-se o meu velho amigo professor Joaquim Ruiz-Giménez, que falou da "consciência da responsabilidade histórica" dominante em todos quantos actualmente à História se consagram. A maneira como o fazem constitui, por si mesma, um acto que pesa no curso do pensamento e no destino dos valores a manter e a defender. Ao ouvi-lo, recordei os períodos seguintes da sua introdução e da Filosofia Jurídica Cristiana: — "Não erra quem vê nas idéias as grandes alavancas da História, e quem denuncia a presença de uma Filosofia na raiz de todas as revoluções. Como poderá cumprir-se o intento renovador que nos domina, efectuar-se a íntegra restauração de fins e de valores que nos estimula — se não atribuíssemos força primordial ao culto das verdades que hão-de ser faróis da nossa marcha, luzes e modelos na interpretação das sucessivas realidades?"

Estas linhas de Ruiz-Giménez condensam magistralmente a questão que debatíamos.

Eis, de facto, o caminho a seguir. Eis aquilo que a História terá de ser para nós — se queremos erguê-la a tóca a altura da sua missão, na hora de crise espiritual, moral e mental atravessada pelo Mundo.

João AMEAL, "A Verdade é só uma". Porto, Livr. Tavares Martins, 1960.

- 1) — 9 de Janeiro — Dia da Dinastia Nacional
- 2) — 22 de Janeiro — Dia do Município (Fundação de S. Vicente)
- 3) — 23 de Janeiro — Dia da Marinha Mercante Imperial
- 4) — 22 de Abril — Dia dos Descobrimentos Lusíadas (Descobrimento do Brasil)
- 5) — 3 de Maio — Dia da Santa Cruz e da Fundação de Pátria-Nova (AIPB)
- 6) — 13 de Maio — Dia das Dinastias Lusíadas (Dom João VI) e da Unificação Nacional (Abolição da Escravatura).
- 7) — 11 de Junho — Dia da Armada Imperial
- 8) — 13 de Junho — Dia das Tradições Nacionais (Santo António)
- 9) — 2 de Julho — Dia da Resistência Nacional (Vitória de Pirajá contra as Cortes liberais).
- 10) — 20 de Julho — Dia da Força Aérea Imperial (Santos Dumont)
- 11) — 25 de Agosto — Dia do Exército Imperial (Duque de Caxias)
- 12) — 7 de Setembro — Dia da Fundação do Império
- 13) — 13 de Setembro — Dia do Imperador (Dom Pedro III)
- 14) — 12 de Outubro — Dia da Padroeira do Brasil e da Hispanidade (Descobrimento da América)
- 15) — 15 de Novembro — Dia dos Mortos Patrianovistas
- 16) — 2 de Dezembro — Dia dos Imperadores (Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dona Isabel I e Dom Luís I).
- 17) — 16 de Dezembro — Dia da Comunidade Lusíada (Elevação ao Brasil a Reino).
- 18) — 17 de Dezembro — Dia da Unidade Imperial do Brasil (Dia dos Governadores-Gerais e Vice-Reis).

NOTA — Nesta Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga, celebrar-se-á a 25 de Janeiro o Dia da Expansão Bandeirante.

— Além desse calendário geral, podem os Patrianovistas em cada Província ou Município celebrar as datas especiais da sua particular história dentro da Unidade Imperial do Brasil.

CHEFE GERAL

## — TIRANOS —

A todos aquêles tolos, ignorantes ou miseráveis que seguem a falsa doutrina de que devemos reverência aos tiranos sórdidos, alçados ao poder pelo satanismo democrático ou, ainda, traidores da sagração e coroação legítima originariamente, — apresentamos simplesmente a objurgatória de Nosso Senhor Jesus Cristo (o meigo Nazareno dos liberais, mas também o chicote contra os vendilhões do templo santo) ao tirano Herodes: — 'Ide dizer àquela raposa: Eis que lanço fora demónios e realizo curas hoje e amanhã e no dia seguinte, pois não convém que profeta morra fora de Jerusalém'.

Por que essa palavra dura do Mestre? Por que chama hipócrita, velhaco, "raposa" afinal, ao "seu" rei, ao "seu" presidente ou governador como são eles hoje em maioria? Por que?

Porque uns vinham insinuar-lhe não ensinasse mais a verdade, não prégasse, não consolasse os pequenos, não curasse as feridas pióras que são as da consciência; que se tornasse prudente e bonzinho em face do atrevimento dos maus e dos corruptores.

— "Saia daqui, vá-se embora, que Herodes quer matá-lo!" dizem-lhe os fariseus cruéis a Herodes, pois eles queriam matá-lo tanto como Herodes.

Não basta ser autoridade para ter autoridade. Cumprir proceder como legítima autoridade, isto é realizando o bem comum. E o primeiro lugar está no bem espiritual, no respeito à Alma da Nacionalidade, à sua Cultura, à sua Religião, aos direitos do espírito, sem preocupação de fazer a corte a bandidos, acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo.

Vai dizer, pois, àquela raposa, a todas as raposas, que continuaremos a proclamar a verdade e o bem. Não fugiremos, nem morreremos na véspera. Também há um dia para ser mártir, após o martírio de todos os dias, de todas as horas.

## - POLÍTICA NACIONAL -

Deveria todo o brasileiro adquirir o hábito de pendurar o mapa do Brasil na principal dependência do respectivo lar. A contemplação obrigatória e individual desse colosso que está aí confiado a 70 milhões de habitantes, teria o condão de contribuir para aprimoramento dos sentimentos cívicos do nacional, fortalecendo nele o senso de responsabilidade.

Mas também poderia contribuir para nele despertar dúvidas e temores. E dentre estes os de segurança, de preservação da espécie e de defesa colectiva no caso de eventual guerra haveriam de ser os de maior preocupação e angústia.

Na verdade, que preparativos temos realizado no Brasil para acautelar nossos interesses vitais nesse sentido? Enquanto nações pacíficas como nós chegam a destinar verbas fabulosas para as obras de sua defesa em caso de uma conflagração mundial, nós nem sequer acreditamos na possibilidade de que ela possa irromper de uma hora para outra.

No entanto o caso é de substancial importância. Uma guerra moderna não é coisa de escarnecer. Se ela vier — e ninguém pode garantir que não virá — teremos bombas H a explodir a três por dois. Ninguém escapará. O recurso é ir, cada povo, preparando-se contra ela, a seu modo e a seu jeito, mas sem descuido nem esmorecimento.

Certamente que é desejo de todos nós que uma guerra assim jamais ocorra no mundo. Mas o globo terráqueo não é habitado exclusivamente por homens e povos com o temperamento peculiar ao brasileiro. Eles lá alimentam suas divergências. E para solucioná-las, bem poderão ir a vias de facto. E então?...

Que o governo brasileiro volte sua atenção a mais esse problema, que nós reputamos de suma importância, por dizer respeito à segurança e destino da nacionalidade. Uma guerra atômica não é lá uma desgraça a vitimar uns e a poupar outros. Se não houver uma defesa à altura e de antemão preparada, não sobrará ninguém para contar a história.

VERO DE LIMA



## IMPRESSÕES DE BRASÍLIA

Jeronymo Ricardo de Mattos  
São Paulo, abril 1961.

Brasília, cidade do século. Cidade da Esperança, cidade-futuro; cidade diferente, de outro planeta.

A impressão que um sociólogo ecologista recebe, como impacto emocional, logo que entra a urbs ao longe, as léguas, é a de que vai chegar a um outro mundo... talvez uma cidade marciana...

E a... e caminha-se. E corre-se de automotor, desenfreadamente, a 80 quilômetros por hora, por cima de suas cinzas negras de asfalto. Nem um guarda de trânsito nem um semaforo de cruzamentos viários.

Tudo é vastidão e silêncio e as distâncias, como se olhassemos através da lente celeste, são o "ali" do beijo do caipira. Passa-se por cima, passa-se por baixo, diverge-se à direita da pista, mas jamais se cruza com outra pista.

Brasília, cidade sem passado e de um só presente: "JK".

Brasília sem taboetas com nomes de "ladões" (dizer de seus habitantes) complicando suas ruas. Brasília sem calçadas, Brasília sem postes, sem cabos aéreos, sem focos de luz "Edison" e aclarada inteirinha a "neon"; Brasília de viário, suspensa na ponta dos pés, qual ballarina de Terpsicore; Brasília sem pavimentos térreos, e muito menos insalubres porões onde se aninham os ratos humanos da velhas grandes cidades. Brasília realidade utópica, paradoxo de um sonho materializado!

Brasília sem classes sociais egoístas, sem clans privilegiadas, desunidas pela fortuna, mas Brasília de grupos humanos distintos mas saturados na ordenação do viver: o candango, o funcionário e o político.

Brasília sem turistas permanentes; sem "pêso morto" (high life) para sustentar com luxos e caprichos. Brasília majestosa e simples, sem rococós, sem clássicos. Brasília lisa, funcional, técnica; Brasília de conjuntos e perspectivas abstracionistas.

Brasília sem invejas, invejas que geram ódios, ódios que geram reivindicações de classes desorganizadas e apenas "ajustadas" para uma conquista efêmera, lutas que promovem greves, greves que ocasionam ató guerras! Brasília social. Brasília social. Brasília humana. Brasília, um novo capítulo bíblico que Jesus não completou!

Brasília de "conjuntos-apartamentos" onde o gosto de cada um só pode ser atendido quanto à cor das paredes ao ser o pavimento situado lá em cima ou lá em baixo.

Cidade coletivizada, onde ninguém pode ter um jardim privado e onde as crianças têm que se recrear com todas em comunhão social.

Brasília cujas residências individuais, térreas, são gemina-

das em blocos de 10, 15 ou 20 casas iguais e que o gosto do seu morador só pode ser atendido na escolha do tipo do bloco.

Com quantas, ajardinadas à frente pela administração da cidade. Sem muros; sem lotes grandes demais (latifúndios urbanos) ou por demais pequenos (malocas-favelas) — o terreno em volta das habitações; nem "ghetto" judaico, nem "harlem" de negros.

Não há palacetes arrogantes da burguesia ociosa insultando o cochovo do proletário. Não é agressiva, com cães de guarda à porta, e não é brutal no tamanho e altura de seus edifícios que não podem ter mais que um andar devendo ocupar toda uma quadra. Sem negas de terrenos superexplorados para os ricos capitalistas. Aliás, em Brasília pode-se morar em palácios, mas palácios coletivos, onde não há lugar para criação inútil e sem função social.

Brasília sem anúncios. No Plano Piloto não se vêem luminosos propagandísticos. Nem sequer atrevidos cartazes de "Coca-cola" ainda lá puderam dizer que "isto faz um bôcem".

Sem milionários, nenhum milionário jamais irá procurá-la por saber que lá ainda não há "clima" para suas dissipações boêmias, de "society" ou de "play-boys".

Comércio estandarizado, de luxo exótico, diversificado, mas sem baixo ou alto comércio: nem feira-livre, nem quinta-avenida. Nem ruas Augusta, nem Barão de Itapetininga, nem St. Efigênia, nem José Paulino ou rua 25 de Março.

A "urbs" brasileira parece fodada a ser a matriz de sua futura "civitas". A "urbs" está ali; e a "civitas", como será? Que tipo de civilização surgirá daquela "massa" humana quando seus pioneiros se transformarem em "cidadãos" brasileiros com educação e formação moldada na exótica arquitetura da cidade-gregária?

O homem, matéria prima da futura "civitas", que será educado e disciplinado na visão panorâmica da imensidão, do "conjunto" cittadino, planejado com natural escoamento do tráfego, sem problemas de espaço, sem aperturas e sem encontros, certamente se desenvolverá mentalmente nesse meio com uma mentalidade estética planejada.

A casta do candango, ora "abarracado" ou "bivocado" ao lado das grandes construções que ele, com suas mãos edificou, na sua quasi totalidade homem moço, cabôta, preto branco, mestiço, analfabeto mas sadio de alma e de físico, temperado na luta contra a natureza acreste, terá em breve que, ou se fixar definitivamente em Brasília, constituindo família, passando a morar em casa mo-

terna e salubre, ou então voltar aos seus pagos, aos penates de onde veio, porque seu barracô provisório será implacavelmente derrubado por tratores da Prefeitura.

O funcionário, compulsado a ali se fixar, terá que "comprar" seu apartamento num dos "conjuntos" dos Institutos pelo prazo de vinte anos (forma disfarçada de se cobrar um aluguel) na ilusão de que "um dia" será proprietário... de um bem sem raiz.

O político, "cometa de Bruley ou Harley", colocado em "elaque à Jânio", colocado em órbita, descreverá sua trajetória com o rabo luminoso e depois... desaparecerá — porque não se aventurará a viver em um lugar insípido, sem praia, nem huates. Sendo efêmera sua permanência, residirá efêmeramente no apartamento que a Nação lhe cede, mobilado e com direito ao ônibus do Congresso que o levará nas horas certas ao "trabalho".

Enfim, viver em Brasília é como viver num quartel, num convento ou num navio, onde não há proprietários e sim, proprietários (sing.): a coletividade. Porisso, o destino de cada um é o destino de todos, de toda a corporação.

A monotonia de Brasília emedia, embrutece, cansa. Cidade ainda sem filhos, sem anões, sem mendigos, sem loucos, sem doentes, sem quadilhas de gatunos.

Em Brasília não haverá oportunidade para tubarões imobiliários porque os terrenos são do "governo"; porisso não haverá ricos proprietários que viverão parasitando sobre o salário e o trabalho alheio.

Os alugueis, verdadeiras prestações de compras que, após o usucapão de 20 anos dão carta de alforria ao inquilino mediane e a outorga de um direito: e de não mais pagar aluguel.

Isto, no Plano Piloto; nas cidades satélites, improvisadas, de acampamentos ou já definitivas, vá lá que surjam essas

Núcleo Bandeirante, com Xangai ou Xangrilás. Assim, seus 50.000 habitantes, onde existem apenas as leis rudimentares que presidem os aglomerados humanos, com suas graciosas casas de madeira tintadas a cores alegres, berrantes, com

primidas como os passageiros dos ônibus de São Paulo, parece um Caleidoscópico humano. Há de tudo!

Raça? Ah!... Brasília só tem uma raça: — a brasileira. Quer dizer: brancos de origem portuguesa, alguns negros, muitos mestiços mulatos e mameluco apuías. Alguns turcos "nacionalizados"; poucos, muito poucos estrangeiros. Estes, como os paulistas, só lá comparecem a negócios ou por convocação política. Não são pioneiros e aguardam a formação de uma megalópolis para lá se fixarem... para desfrutar aquilo que os pioneiros fizeram. Deixem pra quê? Paulista já vive tão bem aqui!...

Em suma: a atual população de Brasília é destituída de preconceitos, e assim, na placidez da Alvorada, no GTB ou no cosmopolita (nacional, bem entendido) Brasilia Hotel ou no simpático e hospitaleiro Hotel Imperial (o segundo da cidade), tudo é natural, comum, sem estrangeirismo tanto na língua como nos costumes.

Finalmente:

O Brasil-caranguejo litorâneo, interiorizou-se. Realidade dos Reis e monarcas e utopia para a República de tagarelas que muito "sonham" e nada fazem e, quando fazem, destroem logo no outro lustro governamental.

Obra de imperadores, de Constantinos ou de Augustos ou... de uma dinastia inteira de um Faraó!

O Brasil hoje está voltando ao processo histórico do seu Império. O Brasil integra-se, o Brasil paralisado durante 71 anos encontra-se com Brasil em Brasília. É a Pátria-Nova que ressurge. É a Pátria envelhecida e já na idade canônica das rugas e da decrepitude adquirida nos longos anos de vida orgânica. Remoçada numa enxertia de glândulas novas, o corpo decrepito da Pátria enrugada poderá contrair novas núpcias com o seu regime — a Monarquia — ser feliz... e ter muitos filhos...

Agora sim; vai surgir uma nova mentalidade através da fórmula cosmogônica de criar algo diferente.

Hoje, a urbs, amanhã, a civitas!

## — TEORIAS —

Existe no Brasil, que é um meio onde ninguém estuda, o preconceito contra os homens que têm teoria. Em toda parte do mundo o espírito que tem teoria ou seja o que assimilou a seiva de uma cultura, é aquele que mais dotes possui para reger os destinos dos povos, para se ocupar dos problemas da sua administração. É o homem exclusivamente prático, na maioria das vezes, um pobre primário, que pouco ou nada sabe da razão de ser dos fenômenos.

Certo dia na Bélgica, num almoço, eu me confessava estúpido do que o seu ministro das Relações Exteriores sr. Paul van Zeeland conhecia do Brasil e seus problemas. Era uma montanha de factos e factos nossos que ele sacudia em cima de mim com o pé jogando e mais as doutrinas que armava, possuído da agilidade de um "jongleur".

Que era aquele alto espírito para interpretar com tamanha justeza os fenômenos econômicos e as rescoças de cunho financeiro da sociedade brasileira? Arenas o director do Instituto de Ciências Económicas da Universidade de Lovaina.

ASSIS CHATEAUBRIAND